

DA CONSTRUÇÃO DO JOGO DE BOCHA E SUAS TÉCNICAS DE LANÇAMENTO: UM OLHAR ETNOGRÁFICO*

Saulo Kuster¹

saulokusteref@gmail.com

Juliana Guimarães Saneto²

julianasaneto@gmail.com

¹Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

²Universidade Vila Velha (UVV)

RESUMO

O estudo etnográfico (GEERTZ, 1989) tem como objetivo analisar na prática do jogo de Bocha, em seu contexto tradicional, como são construídas as formas de lançamento empreendidas nas situações de jogo, tendo como referência o conceito de técnicas corporais (MAUSS, 2004). Após a aproximação da literatura com o contexto em estudo, observamos que não existe um movimento único e padronizado no lançamento das bochas, sendo construídas diferentes formas de lançar.

PALAVRAS-CHAVE

Bocha; Jogo Tradicional; Técnicas Corporais.

INTRODUÇÃO

A Bocha é um jogo que se manifesta de duas formas: o jogo como esporte e como prática tradicional. Em ambos formatos a Bocha é compreendida como um fenômeno sociocultural que transita por diferentes práticas humanas, ora mais institucionalizadas, ora menos. Nesse sentido, a Bocha representa uma prática corporal com características polissêmicas e com referências culturais que, implícitas ou explícitas, são capazes de nos fornecer indícios sobre a dinâmica cultural das coletividades que jogam Bocha.

Diante da diversidade apresentada, esse trabalho lança um olhar interpretativo sobre o jogo de Bocha e seus jogadores. A partir do contexto busca analisar no jogo de Bocha como manifestação tradicional e as formas de lançamento da bocha¹, tendo em vista, sobretudo, o conceito de “técnicas corporais” de Marcel Mauss (2004).

O local de pesquisa foi a cancha Quintino Eduardo Rupf, que se encontra no município de Marechal Floriano, localizado na região serrana do Espírito Santo, distante cerca de 53 km da capital Vitória. Neste município a colonização foi realizada, predominantemente, por alemães e italianos².

|||||

* O trabalho contou com apoio financeiro da Universidade Vila Velha por meio de bolsa de iniciação científica.

1 Usamos “Bocha” ao mencionarmos a prática corporal que se configura como um jogo e “bocha” para designar as bolas utilizadas durante o jogo.

2 Imigrantes originários da Prússia Renana, atualmente território alemão e de países vizinhos, chegaram em 39 famílias à Vitória em 21/12/1846 e seguiram para Região Serrana do estado em 27/01/1847 (MARECHAL FLORIANO. Prefeitura Municipal, 2017).



Este estudo é caracterizado como etnográfico, seguindo os pressupostos de Geertz (1989), quando defende a etnografia como uma descrição densa, dentro de uma proposta de análise cultural. Nesta perspectiva a pesquisa etnográfica não estuda necessariamente o local, neste caso a cancha de Bocha. Ele propõe uma descrição interpretativa das ações humanas que, no contexto do lócus dessa pesquisa, acontecem no ambiente durante uma partida de Bocha. Para isso é preciso ir além da mera observação “automática” ou ouvir a fala, é preciso conversar (OLIVEIRA, 1995). Com o objetivo de compreender densamente o campo, nos valem de observação participante, entrevistas semi-estruturadas, fotografias e registros em diário de campo.

O CORPO E SUAS TÉCNICAS: O(S) LANÇAMENTO(S) NA BOCHA

No que tange a Educação Física como área de conhecimento não são numerosos os estudos que analisam o jogo de Bocha a partir de um viés socioantropológico. Os materiais relacionados a essa prática têm sido disseminados em websites ou por meio de manuais de jogo com pouco ou nenhum rigor acadêmico. Em contrapartida, identificamos a cancha de Bocha, assim como o jogo de Bocha em si, como um campo de pesquisa fértil que possibilita diferentes olhares sobre o objeto/fenômeno em estudo³.

Uma cancha de Bocha se configura como um espaço de sociabilidades permeadas por um contexto de distração e divertimento. Na cancha Quintino Eduardo Rupf observamos um público predominantemente adulto e masculino, ao mesmo tempo em que transitam pelo espaço mulheres, adolescentes e crianças.

O jogo de Bocha resguarda peculiaridades que podem soar como estranhas aos olhos pouco familiarizados. A sua dinâmica consiste em situar, por meio de lançamentos, as bochas (bolas) o mais perto possível do “*bolim*” (pequena bola) que funciona como um alvo. Há ainda a possibilidade de afastar ou tirar de jogo, também por meio de lançamentos, as bochas dos adversários.

As partidas são controladas por pontos, geralmente ganha quem alcança oito ou dez pontos primeiro, isso varia de acordo com os combinados realizados entre os jogadores antes de iniciar as partidas. Nesse contexto há ainda a possibilidade de variar o número de jogadores, que podem se organizar individualmente, em duplas ou trios. Tal peculiaridade também foi observada por Silveira e Stigger (2007) quando relata que os frequentadores das canchas criam procedimentos informais e mesmo formais, exclusivos de acesso ao seu interior, afinal, mesmo que seja um espaço aberto, existem regras internas de inclusão para as pessoas interessadas em jogar.

Durante um jogo de Bocha fica evidente que a técnica corporal que demanda mais empenho de quem joga e que chama mais à atenção de quem assiste é o lançamento da bocha em direção às demais bochas para que essas se aproximem ao máximo do *bolim*.

É diante do protagonismo dado ao lançamento da bocha que direcionamos o nosso olhar com o intuito de problematizá-lo como objeto de investigação e como uma técnica corporal. Sabemos que a humanidade produziu e produz diferentes formas de lançar e arremessar a partir de diversos objetivos e finalidades. O lançamento e o arremesso acontecem a partir de diferentes técnicas, com diferentes finalidades e com vários objetos⁴. Todo esse conjunto de especificidades desenham e definem essas técnicas corporais.

Técnicas corporais são compreendidas por Mauss (2004, p. 211) como “[...] as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional sabem servir-se de seus corpos”. São práticas corporais, movimentos lapidados de forma tradicional, que são construídas e legitimadas culturalmente incidindo diretamente na manifestação do gesto corporal. Essas técnicas são aprendidas, apreendidas e refinadas ao logo do tempo e produzem sentido na identidade corporal do sujeito inserido naquele meio.



³ Ver (STIGGER; SILVEIRA, 2004) e (SILVEIRA; STIGGER, 2007).

⁴ No campo esportivo é possível identificar a construção de diferentes formas de arremesso e lançamento que variam de acordo com o objeto/instrumento manipulado, podendo ser bola, disco, arco, maças, dardos, martelo, dentre outros. A diferença básica entre o arremesso e o lançamento é que durante o arremesso o peso é empurrado enquanto que no lançamento os objetos são projetados.



A construção e legitimação dessas técnicas estão relacionadas às dinâmicas culturais e suas tecnologias, que por serem diversas podem produzir diferentes formas de se manifestar corporalmente, mas tendo em vista o mesmo propósito.

Além de observar e conceituar técnicas corporais Mauss (2004) traz, com riqueza de detalhes, exemplos que ilustram a diversidade de padrões de movimento em diferentes sociedades. O faz com a natação quando compara mudanças no ensino dessa prática; com a dificuldade encontrada pelos soldados ingleses em marchar usando o mesmo tempo rítmico das tropas francesas; e da substituição de oito mil pás francesas, na primeira Guerra Mundial, porque os soldados ingleses não conseguiam manuseá-las de forma eficiente.

As descrições de Mauss (2004) nos permite compreender que o corpo, assim como o movimento, é uma construção sociocultural desencadeada por uma rede dinâmica de relações sociais e culturais, que promovem a construção, a transmissão e o aprendizado de técnicas⁵. Há uma série de questões, reconhecidas e legitimadas coletivamente como eficientes, que incidem sobre o corpo a partir de um contexto histórico, social e cultural moldando-o à sua maneira em formas e gestos.

Quando observamos o jogo de Bocha, ela costuma ficar aprisionada na ponta dos dedos, estes sempre apontados para cima. Precede lançamento, realizado com apenas uma das mãos, uma postura em que os jogadores flexionam os joelhos a sua maneira, de forma a inclinar o tronco a frente e aproximar a mão do solo para lançar a bocha, mantendo o olhar fixo nos alvos possíveis (bolim e bochas).

Nessas formas de execução do lançamento ainda identificamos variações quando os jogadores precisam dar diferentes direções às bochas e/ou empreender mais força ao lançar e por isso se distanciam da linha de jogo e fazem uma aproximação acelerada para que o lançamento seja mais eficaz e eficiente. Diante disso verificamos que não há apenas uma forma de lançar a bocha, mas sim o desdobramento de diversas técnicas que convergem para a mesma finalidade. Essas diversas técnicas correspondem a uma variação decorrente de demandas específicas de determinadas situações do jogo determinadas pelas distâncias entre as bochas ou *bolim* e do quanto pretende deslocá-las, considerando o piso/terreno da cancha que pode se constituir de terra batida, material sintético ou areia.

Diante das peculiares formas de lançar a bocha os entrevistados foram indagados sobre o processo de aprendizado do jogo e do lançamento da bocha. Todos os participantes relataram que “aprenderam aprendendo”, “sem um professor ou instrutor” que dedicasse tempo e métodos sistematizados para esse fim. Nesse sentido, o aprendizado aconteceu, com pouca ou nenhuma intervenção dos jogadores com mais domínio e experiência. Sendo assim, nos parece que a aprendizagem se dá quase que de forma incidental, não havendo uma única técnica corporal padronizada, mas sim um conjunto de técnicas que empiricamente se mostraram mais eficientes e eficazes a partir dos objetivos do jogo de Bocha. É por meio dessa forma de aprendizado que os praticantes jogam e desenvolvem sua eficácia nos lançamentos, muito relacionados com suas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenhamos observado que os jogadores, em uma chance de Bocha, estejam sempre interessados na vitória/resultados durante as partidas, não identificamos uma padronização do movimento que corresponde ao lançamento das bochas. Existe uma aproximação entre as formas de lançamento, mas não um movimento padronizado e parametrizado. Cada jogador, na ocasião do lançamento, aplica sua técnica corporal que, ao longo de sua experiência no jogo, foi construída como eficaz, de maneira incidental, por meio de observação e prática.

Cada lançamento é executado de forma única e singular, requerendo a métrica balizada por cada jogador a partir do tamanho e peso das bochas, assim como das peculiaridades do terreno em que o jogo

⁵ Esse processo é denominado por Viveiros de Castro (1987) de “fabricação de corpos” a partir da centralidade do corpo observada em suas incursões etnográficas junto aos povos indígenas do Brasil.



é praticado. As diferentes formas de lançamento da bocha não resultam de um ensino sistematizado de maneira a padronizar e universalizar os gestos corporais.

Mesmo tendo em vista o movimento de esportivização do jogo de Bocha não identificamos uma preocupação dos jogadores em lançar a bocha de uma única forma. Não existe uma forma “correta” de lançamentos, há flexibilização que resulta em técnicas diversas de lançar a bocha em direção ao *bolim*. Nos parece que a própria dinâmica do jogo dificulta ou impossibilita uma padronização cristalizada da técnica de lançamento.

O jogo de Bocha permite que cada jogador imprima sua identidade à técnica de lançamento. Em face às contribuições de Mauss (2004) é perceptível que o processo de aprendizado das técnicas corporais, no contexto da cancha de Bocha observada, ocorre de maneira tradicional. O lançamento das bochas é aprendido e apreendido por meio da observação dos jogos, da imitação prestigiosa dos lançamentos de jogadores bem sucedidos e de uma adequação e apropriação do lançamento da bocha empreendida por cada jogador.

OF THE BUILDING OF THE BOCHA GAME AND ITS LAUNCHING TECHNIQUES: AN ETHNOGRAPHIC LOOK

ABSTRACT

The ethnographic study (GEERTZ, 1989) aims to analyze in the practice of the game of bocce, in its traditional context, how the launching forms used in game situations are constructed, having as reference the concept of body techniques (MAUSS, 2004). After approaching the literature with the context under study, it was observed that there is no single and standardized movement in the launching of the balls, and different ways of launching have been constructed.

KEYWORDS: *Bocce; Traditional Game; Techniques.*

DE LA CONSTRUCCIÓN DEL JUEGO DE BOCHA Y SUS TÉCNICAS DE LANZAMIENTO: UNA MIRADA ETNOGRÁFICA

RESUMEN

El estudio etnográfico (GEERTZ, 1989) tiene como objetivo analizar en la práctica del juego de bocha, en su contexto tradicional, cómo se construyen las formas de lanzamiento empleadas en las situaciones de juego, teniendo como referencia el concepto de técnicas corporales (MAUSS, 2004). Después de la aproximación de la literatura con el contexto en estudio, se observó que no existe un movimiento único y estandarizado en el lanzamiento de las bochas, siendo construidas diferentes formas de lanzar.

PALABRAS CLAVES: *Bocha; Juego Tradicional; Técnicas Corporales.*

REFERÊNCIAS

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: NUDES, E. O. (ORG.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 23-35.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

MARECHAL FLORIANO. Prefeitura Municipal. *História do município*. Disponível em: <<http://www.marechalfloriano.es.gov.br/o-municipio/historia-do-municipio>>. Acesso em: 15 de out. 2017.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.



OLIVEIRA, R. C. *O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir e escrever*. UNICAMP,1995.

SILVEIRA, R.; STIGGER, M. P. Espaço de Jogo – Espaço de Envelhecimento: sociabilidade lúdica na Sociedade Esportiva Recanto da Alegria. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 29, n. 1, p. 177-192, set. 2007.

STIGGER, M. P.; SILVEIRA. A prática da “bocha” na SOERAL: entre o jogo e o esporte. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.37-53, maio/agosto de 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. In: J. Pacheco de Oliveira Filho (org.), *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero. UFRJ. pp. 31-41, 1987.

